

# Escravidão: reparação cria vítimas irreais

*Sociedade atual não pode arcar com culpa, segundo editorialista negro do NY Times*

**BRENT STAPLES**

The New York Times

**M**eu bisavô, John Wesley Staples, nasceu em Virgínia, em 4 de julho de 1865. O Dia da Independência naquele ano anunciou o fim da escravidão. A lenda familiar diz que John Wesley foi um dos primeiros negros livres nascidos nos EUA.

A escravidão está mais perto de nós no tempo do que a maioria se dá conta. Meu tio, que vai completar 84 anos, lembra-se de ter conhecido muitos ex-escravos quando garoto. Se meu tio-avô tivesse vivido até a idade que meu tio tem hoje, teria conhecido seu bisneto, que mais tarde se tornaria editorialista do *The New York Times*.

O Sul pós-escravidão foi cruel para os negros idosos, que tinham dado uma vida para seus patrões e não podiam mais cuidar de si mesmos. A liberdade sofreu mais limitações quando os estados do Sul deixaram os negros de fora das constituições estaduais, negando-lhes o direito ao voto e a freqüentar escola.

Meus avós tiveram a ajuda de uma família extensa e forte, que lhes permitiu juntar recursos. A família Staples protegia a fazenda e o negócio va-

rejista de John Wesley com revólveres e pistolas que ficavam à vista. Sem escolas disponíveis para as crianças negras, John Wesley e Eliza jun-

taram-se a seus vizinhos e construiram uma na propriedade. A professora trabalha-

vava na escola de apenas um cômodo em troca de casa e comida. Quando John Wesley morreu, em 1940, deixou uma família instruída, uma fazenda próspera e US\$ 40 mil em dinheiro — uma fortuna para os padrões da época.

Essa proeza pavimentou o caminho para a geração de meu pai e para a minha.

Os negros americanos fizeram um progresso espetacular depois do fim da escravidão, saindo dos algodoais para as salas de diretoria em apenas um século. Mas o recente debate sobre reparações pela escravidão introduziu uma narrativa na qual os negros são estereotipados como uma categoria buscando compensação pelo sofrimento de ancestrais. Uma compensação é jurídica e moralmente justa. A Flórida teve a

atitude certa em 1994, quando concedeu bolsas de estudo para o 3.º grau para descendentes da comunidade negra de Rosewood, que foi destruída por brancos em 1923.

Os defensores das reparações têm ao menos uma causa moral quando argumentam que as empresas que enriqueceram com a escravidão devem tentar oferecer uma compensação quando houver documentos comprobatórios.

Mas a ideia de que a sociedade tem uma dívida com os americanos negros é levar as coisas longe demais. As famílias negras fizeram e perderam fortunas exatamente como as brancas. Um programa de indenizações financiada pelo governo e baseado na ancestralidade não é sustentável. Tal programa estaria aberto para milhões de pessoas que viveram como “brancas” durante gerações mas que são descendentes de negros escravizados. Tam-

bém se estenderia a descendentes de negros donos de escravos, muito comuns na época.

Os defensores da reparação estão subvertendo a história dos negros nos Estados Unidos. Essa é uma história de realizações extraordinárias em face de obstáculos imensos. E que continua até

os dias de hoje.